

FEDF tem novos professores em 87

Até lá os estudantes vão conviver com o menor número de aulas

Não será neste primeiro semestre que os alunos da rede oficial de ensino que estão sem professores desde o inicio do ano letivo terão seu problema resolvido. O governador José Aparecido e o secretário de Educação, Fábio Bruno, traçaram ontem um quadro real da situação e afirmaram que sem ajuda do Governo Federal dificilmente poderão contornar o problema. "Somente este ano o número de matrículas na rede cresce em 7,5 por cento", afirmou Fábio Bruno. "Isto significa mais 42 mil alunos na Fundação". Para atender a este quadro, a FHDF precisa contratar mais 1 mil 666 professores. Mas só dispõe de recursos para integrar a seu quadro 608 novos contratados.

Para chamar os outros 1 mil 058 concursados, o Governador já entrou em contato com a Secretaria de Orçamento e Finanças da Sepplan, onde pediu Cr\$ 44 milhões para contratação de professores. Caso seja aceito o pedido, os recursos serão repassados em doses homeopáticas ao GDF ao longo dos próximos 10 meses. Assim somente no ano letivo de 1987 é que a situação estará normalizada. O Governador lembrou também que a verba destinada à educação no DF é de 26 por cento do orçamento total do Governo. Lembrou que ainda assim é insuficiente justamente por causa do crescimento do nú-

mero de matrículas na rede.

José Aparecido reconheceu ainda que o suprimento das vagas para professores não é a solução definitiva para o problema, inclusive porque a demanda está em crescimento. Os recursos para pessoal são todos do Governo Federal, diretamente da Sepplan, enquanto o dinheiro destinado a equipamentos ao material das escolas vem do MEC. Assim, mesmo que se contratem os novos professores, resta ainda a questão do déficit de salas de aula. Esta parte o GDF espera solucionar com a construção das escolas pré-moldadas. E todos estes problemas demandam tempo para solução completa.

Outra questão abordada pelo Governador foi a da segurança. O secretário Fábio Bruno comentou o crime brutal ocorrido no Centro de Ensino nº 7, na Ceilândia, onde um estudante foi obrigado a comer um rato por três marginais. "Todas as vezes que vou às cidades-satélites", afirmou Bruno, "as mães e professores me pedem para construir muros e colocar guardas nas escolas. Com isso elas sugerem que a segurança tem prioridade sobre aumento de salas de aula e mesmo sobre o número de professores". O Governador não detalhou nenhuma proposta nesse sentido mas garantiu que não está alheio ao problema.

VALÉRIO AYRES

Aparecido pede mais verba

O governador José Aparecido vai se reunir hoje com o ministro do Planejamento, João Sayad, a fim de providenciar a liberação de verbas para a contratação de mais professores. Esta foi a notícia mais importante dada aos diversos representantes dos grêmios estudantis das escolas da Ceilândia pelo secretário de Educação, Fábio Bruno. Ele convocado ontem para uma reunião no Centro Educacional nº 7 na Ceilândia Norte.

Fábio Bruno abriu a reunião elogiando o acontecimento. "Foi a primeira reunião deste tipo em 21 anos", disse. Ele explicou que a carência de professores se agravou este ano porque para uma expectativa de aumento no número de alunos de 2,4 por cento houve um aumento real de 7,5 por cento, cerca de 20 mil novos alunos a mais. As dificuldades aumentaram com a adoção das medidas econômicas. O pacote bloqueou os orçamentos públicos proibindo a contratação dos 600 professores que estão à disposição da Fundação Educacional. Dos 1 mil 666 professores aprovados no último concurso promovido pela Fundação, o GDF só poderia arcar com a contratação de 608. E por isso o governador vai pleitear uma liberação de verbas para a contratação dos 1 mil 508 restantes.

Além do secretário de Educação e dos líderes dos grêmios estudantis, compareceram ao encontro o diretor-executivo da Fundação Educacional do Distrito Federal, José Quintas, o diretor de Pedagogia da Fundação, Clésio Ferreira, o chefe do departamento geral de Administração do órgão, Carlos Roberto Pachero, e os diretores dos três Complexos Escolares

de Ceilândia. A União Metropolitana de Estudantes Secundaristas de Brasília (Umesb) também esteve representada por diversos membros da diretoria. O presidente da entidade, Bernardo Salles, afirma que a situação da Ceilândia está crítica com professores dobrando a sua carga horária para poder suprir as deficiências da escola. Salles acha que deve ser dada prioridade à educação, "pois apesar do pacote, a educação e a saúde jamais poderão ser congeladas".

Durante o debate, o secretário de Educação foi bombardeado pelas perguntas dos estudantes secundaristas. Os alunos se acham inferiorizados em relação aos do Plano Piloto. Segundo eles, algumas escolas do Plano estão até com reserva de professores. Fábio Bruno explicou que por lei os professores não podem ser removidos compulsoriamente de um complexo escolar para outro. Disse que os recém-concursados é que deverão atender a essa demanda das cidades-satélites. Os alunos insistiram na qualidade de ensino, "pois do jeito que as coisas funcionam atualmente nós levamos desvantagem na hora de prestar vestibular para a UnB".

Mas não é só a falta de professores que preocupa os alunos de Ceilândia. Carmélia Godinho, do Centro Educacional nº 2, aponta outros problemas como a falta de segurança nas escolas, a carência de funcionários, além de não existir escritórios bem equipados. A questão da segurança foi lembrada por todos, principalmente depois que um estudante foi obrigado a comer um rato sob a mira do revólver de três marginais.

Ceilândia faz passeata

A partir das 10h de hoje, milhares de estudantes da Ceilândia irão em passeata até a sede da Administração Regional para reivindicar providências pela falta de professores nas escolas daquela satélite. Os estudantes vão se concentrar no Centro Educacional nº 6, no Setor P Sul, e ao chegar à Administração Regional entregarão um documento e um abaixo-assinado com 3 mil assinaturas dos alunos de toda a cidade. Neste documento os alunos do Centro Educacional

nº 6 especificam os problemas do sistema educacional da cidade. Atualmente existe uma deficiência de mais de 2 mil professores e algumas escolas ainda nem começaram o ano letivo. Os alunos reivindicam salas de aula para datilografia, práticas industriais, além de laboratórios, auditórios, bibliotecas e quadras de esporte. Prejudicados por uma eventual reposição de aulas, principalmente os que trabalham, os estudantes querem ter a mesma atenção que os seus colegas do Plano Piloto.